

Iº ANTOLOGIA POÉTICA

FESTIVAL

BRASILEIRO

DE NOVOS POETAS 2020

Org. Maroel Bispo

**MODELO PDF**

**MODELO PDF**

Copyright©2020 by Edições & Publicações

**Capa & Diagramação:** Enoque Ferreira Cardozo  
(Trupe serviços editoriais Freelancer -  
<http://trupeservicoseditoriais.blogspot.com.br/>)  
**Organizador:** Maroel Bispo

Iº ANTOLOGIA POÉTICA: FESTIVAL  
BRASILEIRO DE NOVOS POETAS 2020 – 1ª  
ed – Ourinhos/SP. Edições & Publicações, 2020.  
106 p.: il.

ISBN: 000-00-000000-0-0


1. Poesias. 2. Crônicas.  
LIVRO BRASILEIRO. I Título

FORMATO: A5 148x210

Impresso pela RENOVAGRAF ([www.renovagraf.com.br](http://www.renovagraf.com.br)) – 2020.

*Copyright* "©" 2020. Todos os direitos reservados.  
Proibida a reprodução parcial ou total, por qualquer meio.  
Lei N° 9.610 de 19/02/1998 (Lei dos direitos autorais).

2020. Escrito e produzido no Brasil.



Para todas as almas lindas,  
fecundas de solidão  
e preenchidas de amor.

**MODELO PDF**

# MODELO PDF

# MAURÍCIO MAGALHÃES



Maurício Magalhães têm 44 anos sendo 20 dedicados à música, desde os 15 brincando com as palavras compôs inúmeras pequenas poesias e canções que demonstram seu fascínio pela arte e a compreensão da necessidade dela para a humanidade.

Natural de Mogi das Cruzes - SP, acolhida pela linda serra do Itapetí e berço de grandes artistas, inspiração não falta . Basta erguer os olhos e entender o que realmente vale a pena.

Escrever é sua melhor terapia como já publicara antes:

*“Escrever é o melhor truque que conheço pra enganar a timidez, pois sem precisar baixar os olhos, fala-se tudo sem pudor ou sensatez. E com a alma nua e em verdade crua com tempo pra corrigir seu Português”.*

Viva a poesia! Viva a humanidade ainda que vazia.



– PARES –

Pares e desejos nus. Um salto para algum lugar no escuro, num canto que a rua cala, bocas e becos que se confundem com o medo e o riso que a Lua flagra. Tudo que arde quanto dure o vento. Uma vela acesa soba chuva rala.

**- A LUA -**

A lua sabe de cada olhar em sua direção. O sábio,  
o triste, o de admiração. Sabe até como deve  
aparecer pra tocar cada coração, hora meia, hora  
cheia de dia ou na escuridão. A lua sabe até ser  
indecente! Nos convida a despir-nos desde as  
roupas até a mente, e nos seduz pelo encanto de  
seu brilho a entregamos nossos desejos mais  
escondidos Lua feiticeira! Pelo sim e pelo não...  
consegue até esconder de nós sua própria solidão.

# ANDRÉ LUIZ



André Luiz Martins de Almeida, nasceu em 21 de janeiro de 1970 no Rio de

Janeiro, Mora em Queimados desde a infância, mas morou em outros bairros de Nova

Iguaçu e em outros Estados como o Rio Grande do Sul, na cidade do Rio Grande.

Aprendeu poesia nos livros e se inscreveu no Varal de literatura na Escola Estadual Dom Bosco em 1986. Com seu primeiro poema e recebendo um certificado de participação, em 1987 passou a escrever continuamente. Publicou seu primeiro poema inédito escrito em 2015, para o Concurso Novos Poetas - poetize 2016 da Editora Vivara Nacional, participou de vários outros concursos em 2016. É membro da Primeira Igreja Batista de Queimados desde 2014. Publicou seu primeiro livro autoral completo Antologia Poética “Aspirações de um Discípulo” pela Drago Editorial em 2019.

**– CADA CASA UM TEMPLO,  
CADA MEMBRO UMA IGREJA! –**  
(Soneto da Paz e Esperança)

Ouvimos diversificados bate-bocas e opiniões,  
Quando ordenaram: “Igrejas fechem os portões!”  
Muitos não estavam preparados para tais decisões.  
Contudo, percebemos que enfrentaríamos tais ocasiões.

Surgiu novamente outra doença, que afetou mundialmente. (1)  
Mudou nossos hábitos e o nosso trato cordialmente,  
Mas já tínhamos um plano traçado calmamente.

A “Obra do Senhor” não será parada ou reprimida.  
Tínhamos em mente que “Cada Casa um Templo, cada Membro uma Igreja!”  
Todos se comunicam e se fortalecem, mesmo que eu não os veja!  
Eu sou a igreja que foi conquistada e redimida.

Tudo voltará ao normal, após um período de jejum e oração!  
Jesus nos confortando com paz e esperança no coração.  
Somos discípulos do Senhor, que espera nossa cooperação.

**– IMPORTANTE POR SUA INDIVIDUALIDADE –**

Vivemos hoje acuados por uma enfermidade.  
Estamos aprendendo a lidar com essa fatalidade,  
afetando o mundo com alta taxa de mortalidade.

Então nos agarramos ao princípio da imortalidade,  
Conduzidos pela fé em Jesus Cristo e sua verdade.  
Cada alma é importante por sua individualidade.

Viva uma vida sadia com amor e qualidade.  
Mude seus hábitos e aproveite sua habilidade.  
Pratique a paciência e a flexibilidade.

Somos escolhidos por amor para a eternidade,  
Seja agradecido por ter abrangido a humanidade,  
Ao salvador por nos tratar com igualdade.

# APARECIDA VINES



Aparecida Vines, nascida em Guapiara, SP, a 18/07/1948, residente em São Paulo, Capital. Filha de agricultores, aos vinte anos, mudou-se com a família para Itapetininga, SP, onde terminou o Ensino Médio e cursou Letras na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Português, Inglês). Trabalhou em Contabilidade em supermercado, escritório, e banco e ministrou aulas de Português. Aposentada, dedica-se à Literatura, um propósito desde a infância. Possui alguns contos prontos e alguma poesia e está terminando um livro (romance baseado numa história real, em fase de revisão e em busca de editora).

Fez cursos de escrita criativa: Carreira Literária, UNIL (UNESP) e Marcelino Freire.

Participa de 6 coletâneas: 4 de contos (2 da ed. Oito e Meio, RJ; 1 da ed. Porto de Lenha, e 1 da ed. Seleções e Publicações); e 4 de poemas (ed. IGM, ed. Celeiros de Escritores, Mulherio das Letras Portugal e ed. Darda, estas duas últimas a serem publicadas).

**Blog:** [cuidandodalingua.wordpress.com](http://cuidandodalingua.wordpress.com)

**Instagram:** [www.instagram.com/aparecidavines](http://www.instagram.com/aparecidavines)

– QUE –

Rio que corre pesado sem mais ser rio  
casal que briga à borda de não ser mais casal  
criança que grita a si a atenção  
na galinha pintadinha  
impaciência do pai  
máquinas que batem roupa  
batem, batem, batem à noite  
de dia poupada a Cantareira.  
Flores tentando sobreviver entre os paredões  
sem dar flores e quando dão passageiras  
no metrô o pé nos olhos  
para não olhar outra coisa  
ou o celular o celular o celular  
pessoas correndo atrás dos ônibus  
gente assaltando fugindo  
bala, tiro, mato.  
Passarinhos na gaiola, o canto é um choro  
à grade o apelo do sabiá solitário  
nas bananas no prato maritacas em bandos  
na árvore da frente  
na água engarrafada beija-flor a se enganar  
se não o policial afastado  
onde comerão as maritacas?  
Onde beberão os beija-flores?

**– QUEM ROUBOU O MEU DESTINO? –**

Quando fui vê-los  
tanto tempo depois,  
foi como se nada houvesse mudado  
na minha vida.

Como se tudo estivesse caminhando  
naquele mesmo rumo planejado.

Como se eu não precisasse voltar à realidade  
da perda irremediável.

Foi só por um dia o sonho.

O chicote do destino me fustigou,  
arrebatou-me e me devolveu à angústia  
do isolamento,

de onde ouço as vozes  
que por um curto tempo  
compuseram a minha vida.

A certeza da felicidade tão presente,  
tão esquadrinhada, tão arrumadinha  
nas minhas mãos,

Quem de mim tomou?

Que misteriosa interferência  
pode estilhaçar tudo aos ares,  
e num piscar de olhos,  
a noite, o vazio,  
a escuridão plena?



# ARMANDO SANTOS



Armando Rocha dos Santos, cujo pseudônimo é Alvorecer Santos, possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia. Nasceu no dia 02 de dezembro de 1993, na zona rural de Governador Mangabeira-BA. Possui poemas publicados em concursos literários, a exemplo, na Antologia Poética, Poetize 2017, Concurso Nacional Novos Poetas, promovido pela Editora Vivara. No 1º Concurso de poesias poeta Adauto Borges, organizado pela Associação Batista de Ação Social em Feira de Santana-BA. E no 2º Concurso Internacional de Poesia Doces Poemas, realizado pela Revista Inversos.

Como também, na 15ª Edição da Revista LiteraLivre, e na 16ª Edição da Revista LiteraLivre com a crônica Menosprezo Social: A invisibilidade dos Moradores de Rua.

E contemplado com o edital “Mande Poemas 2020” da Transvê Poesias.

– MÃE ÁFRICA –

Teu filho grita por socorro  
pelo fim da fome, da seca e da destruição  
grita por um mundo sem desnutrição  
e clama pelo direito do teu filho viver.

Mãe África

Vejo no olhar retraído de teu filho  
uma vida marcada pela violência  
onde as crianças se tornam adultas  
e nem vivenciam o prazer do brincar,  
pois roubaram-lhe o direito à infância.

Mãe África

Na corcunda de tua guerreira  
que luta para sobreviver  
carrega ao peito uma criança  
desnutrida pela falta do que comer.

Mãe África

Uma criança caiu  
estava com a boca aberta  
e os lábios ressecados,  
ouviam-se uma voz bem distante  
pedindo por água.

Mãe África

O que estão fazendo com teus filhos?  
O que estão fazendo com tuas crianças?  
São tantos gritos e ninguém te ouve.

Mãe África

Tuas crianças clamam por paz  
e por uma forma digna de viver  
baseada no princípio dos direitos humanos.

Mãe África

Tuas crianças merecem viver com os pais,  
ter um teto digno para morar,  
desfrutar do acesso à saúde e à educação,  
e acima de tudo: viver a infância.

**– ECOS DE LIBERDADE –**

Se te aprisiona  
Liberte-se  
Se te silencia  
Grite alto  
Se te faz escravo  
Corte as algemas  
Se te impede de voar  
Deixe para trás  
Se te faz prisioneiro  
Deixe a liberdade te guiar  
Se te taparem a boca  
Grite entre os dedos: Prisão nunca mais

# CAMILA DE ARAÚJO CABRAL



Camila de Araújo Cabral (Camila Cabral), Pedagoga, Mestre em Educação Científica e Matemática – UEMS e Doutoranda em Educação pela UFMS. Sul-mato-grossense, escreve poesias desde os nove anos de idade. Participações: O colecionador de poesias, Grupo Editorial Beco dos Poetas & Escritores Ltda, SP, 2016; Meus poemas Vol IX, Editora Livros do Beco, SP, 2018; VII Coletânea Século XXI, Editora PoeArt, RJ, 2018; I

Antologia Poética do Recanto das Letras, Editora Recanto das Letras, SP 2019;

Epifanias em palavras, Editora Edições & Publicações, 2020. Gerencia a página do Instagram @poesiageometrica divulgando textos autorais de poetas de diversas regiões.

**– CATA-SONHOS: FAXINA INTERNA –**

Toda aquela bagunça agora se ajeita aos poucos,  
Hoje arrumo a gaveta, meia por meia, ilusão e medo.  
Tudo bem organizado, bem claro, por cores e credo.  
Aos poucos vou organizando e tirando o pó de mim.

A poeira acumulada aqui dentro. Vou fechando portas,  
De casas já abandonadas, janelas com ferrugem emperradas.  
Vou deixando pra trás, lá, no passado. Vou reformando o eu.  
Eu lixo com cuidado minha mágoa, minhas incertezas veladas.

E o lugar vai ficando limpo. Puro, claro e confortável.  
Vou ficando mais leve, mais alegre, mais confiante.  
Porque essa sempre foi a estrutura. Só andava bagunçada.  
Hoje o móvel é o mesmo, mas agora cristalizado, elegante.

E ainda há gavetas a se abrir. A se vasculhar. Tudo a seu tempo.  
Porque é preciso a pausa para o café. Para o sorriso. A voz tênue.  
É preciso ir com calma, retirando o que já não é mais necessário,  
Doando o que não me é mais útil. E reciclando o que não  
valorizei.

**– ALBERTO I<sup>1</sup> - NOMES QUE ME MARCARAM –**  
(in memoriam)

Era domingo e havia muito sol.  
Treze anos bem maiores e eu menor.  
Os cachos mais largos, mais cumpridos  
E a insegurança imensa de dar dó.  
Então o inesperado aconteceu!  
Passou por mim claro como o dia, lindo como sol!  
Sorriu. Caminhamos, nem acreditei! Não podia...  
Duas quadras depois, ali embaixo da mangueira  
Acaricia meu rosto (morro por dentro!), me beija!  
Beijo demorado. Depois o mesmo beijo  
Ainda o mesmo, mas agora mais carinhoso, bobo.  
O chão desabou, o céu estilhaçou-se, tudo sumiu!  
Meu corpo agora num outro plano fora do terreno.  
Se acredito em anjos? Sim. Ele estava ali!  
E o perfume? Quase ainda posso sentir seu cheiro...  
Todos nos esperando, procurando,  
Temos de voltar. Não podemos ficar juntos por agora.  
Três horas depois, passou ao lado e deixou bilheteinho:  
“No mesmo lugar, daqui a quinze minutos. Você é linda!”.  
Fui. Fomos. Abraço longo, beijos e um resumo da vida.  
Ele, a ovelha negra da família. Eu, sonhadora e perdida.  
Ele, branco e pele macia. Eu, menina quieta e boazinha.  
Não tinha telefone, mas pedi para me ligar.  
Jurou que ligaria. Disse que se apaixonou.  
Me apaixonei!

---

<sup>1</sup> Ainda jovem, Alberto foi interrompido para sempre!

# CARLOS LOPES



Carlos José Ferreira Lopes é natural de Viçosa, MG. Filho de José Pedro de Paula Lopes e Maria das Graças Ferreira Lopes, nasceu em 14 de fevereiro de 1976. Casado com Christiane Duarte, pai de dois filhos, Giankarllo e Nikollas Atualmente trabalha como Psicólogo, tem pós-graduação em psicologia do esporte e terapia cognitivo comportamental e é professor de artes marciais em sua cidade natal. Escreve desde a infância como hobby, por ter em mente que

essa é a única maneira de se tornar imortal. Tem vários poemas publicado em coletâneas, premiados em concursos e o sonho de publicar um livro.



– GRITO, SÓ-E-CÍDIO –

Sentei sobre minha vida e solitário fiquei,  
Observei à repressão, o caos, a depressão.  
Sinto-me doente, desisti dos meus sonhos,  
Perdi minha alegria e a vontade de seguir.

Mas sigo sozinho!

Apanhei da vida, dos “amigos”

Fui esquecido pela família.

Sou criança, adolescente, adulto.

Regras? Colegas?

Não aceito minhas perdas, meu luto é não lutar,

Desistir, me entregar.

Ando dopado, extasiado, cálido, trôpego e só.

Peço socorro, grito por ajuda, mas não sou visto,

Malquisto, a beira do precipício.

Escuto reage! Não tenho forças.

Um passo a frente! Me esquivo.

Isso é normal! Falácias ao acaso.

Sou alto, baixo, gordo, magro, negro e branco,

Minha conta bancária não tem valor.

Sou o réu, o juiz e o carrasco.

Preciso falar! Pôr para fora o que me corrói por dentro,

Preciso de escuta não de conselhos.

Minhas marcas não são de batalhas,

São de navalhas, que sangram a carne, a alma

Não é fogo de palha, são falhas.

Que me libertem das amarras, da mordança,

Pois acho a vida sem graça.

Quero viver, quero morrer,

Quero o que não quero, posso o que não posso.

Não sou louco, só estou fraco, cansado,

Necessito de um abraço, um braço,

Que me tire da cabeça à vontade, o mormaço,  
Dessa sufocante vida em preto e branco,  
Dessa realidade sem traço, com destino ao acaso.  
Meu grito é de esperança, me tirem do regaço.  
Quero viver e esse é meu primeiro passo.

– MEIO DIA DE FAMÍLIA –

Retalhos de histórias, uma colcha de viveres  
Lembranças do passado, mentes abertas ao saber  
Uma família matutina, uma roda de amigos  
Fazendo da alegria do outro uma cura, uma vacina  
Para as doenças da mente ou de corações partidos  
Pela falta dos parentes, que mesmo longe não foram esquecidos  
Vejo no brilho dos olhares, que temos muito a aprender  
Uma troca de valores, bem ou mal quero me ser  
Dos 17 aos 50, de Marataízes a Paris, de Nova York a Oratórios  
Caminhos que se cruzaram, seguindo o rumo de vidas  
Cada qual seu cada um, cada um, um sem igual  
Um universo infinito, guiando-nos como a um farol  
Então que deixemos cair as máscaras, se desconstrua a ilusão  
Que se deixe para trás o passado,  
pois juntos faremos dos sonhos realidade

Amigos, companheiros, uma família de verdade  
Farinha nas mãos de um padeiro, esperando se moldar  
Ah se o tempo voltasse e eu pudesse escolher  
Escolheria o tempo de agora, intempestivo é o saber  
Uns entenderiam, outros apoiariam  
E os fujões pela vida se esconderiam  
Coisas ao acaso que nem Freud explicaria  
Uma aliança de mistérios, matemática, geografia

Com resultados inteiros,  
um idioma estrangeiro,  
uma viagem sem roteiro

O mundo em uma sala, esperando ser desbravado  
Vida de caminhoneiro, não se sabe o que esperar  
Focalizando e desfocando, somos filhos a se adotar

O destino está a frente,  
Pais ausentes a se encontrar

Às vezes me perco na praia e me reencontro ao luar  
Já sonhei em ser bombeiro, roqueiro, emo

Coisa aqui coisa acolá, mas no fim a ficha cai, tenho filho pra criar  
Sou descendente de negros, povo duro de dobrar  
Carreguei o Brasil nas costas e não paro de lutar  
Minha doença não tem cura, isso eu posso afirmar  
Nasci e morrerei sonhador, esse é o meu lugar  
Então eu paro, não penso em nada  
Só sigo o vento, deixo ele me guiar  
Mas no fim tudo dá certo, só não posso afirmar  
A única verdade que sei, é que sou feliz por aqui estar  
Pois é a noite que traz o dia e nós somos o sol para o mundo  
iluminar.

# CAROL CAMPIOTTI



Carol Campiotti, nascida no ABC Paulista, em Santo André, em 15/09/1999, mudou-se para uma cidade interiorana, aos três anos de idade, com a mãe e o único irmão, onde viveu até completar seus anos escolares. Incentivada por sua tia e madrinha professora, também escritora, ela produz crônicas e poesias desde os 12 anos de idade, sempre demonstrando sua predileção pela leitura e escrita, além de uma certa facilidade no manuseio das palavras. Morou a trabalho na Ásia durante alguns anos, modelando, mas o que Carol realmente almeja, desde pequena, é seguir carreira militar como oficial do Exército Brasileiro.

**– POEMA: LUAR –**

De manhã, era louco.  
Ao sol, ardente amante.  
Entardecendo, reservava-se  
Para depois, finalmente,  
Sob o luar, ser poeta.

Sussurrando ao vento suas dores,  
As lembranças de todos os sabores,  
Ruminava cada um de seus amores  
E, ao dançar de sua pena,  
Trazia beleza às frias cores  
De seus mais íntimos dissabores.

Fazendo do rio seu confidente,  
Juntamente às suas lágrimas,  
Sem remorso, sobre ele despejava  
Todos os seus anseios e mágoas,  
Clamando que a correnteza,  
Cúmplice sensível, levasse  
Para longe de seu sofrido peito  
Suas infundáveis tristezas.

E então, cansado,  
Liberto de seus medos,  
Reescrevia seus desejos  
E, sorrindo, ao luar agradecia  
Por mais uma poesia.

– DAMA DO VÉU NEGRO –

Quando ela chegar,  
Sorradeira e cruel,  
Desejo que me pegue em seus longos braços  
E envolva-me em seu fino véu.

Não espero que me seja doce,  
Tampouco caridosa.  
Espero, apenas, que me acolha com verdade,  
Talvez sorridente, audaciosa.

Desejo ouvir-lhe sussurrar meu nome com desdém,  
Apertar-me em seu seio, despedaçar meu orgulho,  
Acariciar meus cabelos, rever meu passado  
E, com um cálido beijo, roubar-me o futuro.

Então, finalmente,  
Com um sopro profundo,  
Após aconchegar-me em seu tenebroso colo,  
Desejo que me guie para um outro mundo

# CARMEN PIRES



- Mestrado em Psicanálise e Saúde Mental – FATECBA.
- Pós Graduada em Psicopedagogia Clínica, Institucional e Hospitalar - Fundação Visconde de Cairu.
- Pós-Graduação: Neuropsicologia-FACINTER.
- Psicanalista Clínica- SPOB.
- Psicanalista Didata – SPOCB.
- Pós-Graduação: Metodologia do Ensino do Desenho –

UEFS.

- Graduação: Licenciatura em Desenho e Plástica – UFBA
- Membro da Academia de Letras e Artes de Feira de Santana – ALAFS.
- Membro da Academia de Cultura da Bahia.
- Membro Efetivo da Academia Internacional de Letras Artes e Ciências da Argentina com Sede em Buenos Aires.
- Membro Efetivo da Accademia Superior Di Crescita Personale Italia.
- Artista Plástica e Arte Terapeuta /Nome Artístico “Karmen Pires.



**- SERTÃO DA ESPERANÇA -**

Andando pelas pastagens seca do sertão  
Deparamos com uma realidade dura e cruel  
Que esta avança sem perdão, sol quente e o vento seco  
Destruindo toda esperança que dias melhores virão.

Mas caboclo é homem forte e valente  
Faz sua casa de taipa e dorme no chão  
Esteira dura feita com as mãos  
Carrega água na cabaça e anda de pé no chão.

Casa sempre com uma Maria em festa de São João  
Que é nome de Santa para ter sorte na vida  
É mulher que tem coragem, pare seu filho sem gemido,  
Está sempre pronta para mudar quando a escassez apertar.

Carrega filho na barriga e o outro pela mão  
Lata de água na cabeça no sol do sertão  
Sorrindo sem desespero, mas com convicção.  
Pega sementes, para arar o terreiro,  
Semeando a terra com suas mãos sem medo.

Há! Sertão de gente sofrida e que não aceita derrota  
Esperando sempre que a chuva caia  
Para ver os pastos crescerem e o gado engordar  
Renovando sempre as esperanças de um futuro  
Antes que a vida se vá como a água que no rio está a secar.

Pede sempre a Deus que realize seu sonho  
De ver seu filho formado em Doutor  
Nem que, para isso, as suas mãos sangrem cavando a terra.  
Para adubar com seu suor  
O solo seco do sertão, com a sua dor.

**– FOME E MISÉRIA –**

Estamos nos deparando com uma realidade dura e cruel  
Pessoas padecendo de fome sem vermos uma solução  
Com uma vida de total submissão  
Neste mundo desumano, estamos na escuridão.

O mundo agoniza na sua crônica desestruturação  
Suas marcas e sequelas já estamos sentindo  
Com muita perplexidade e compaixão  
Vendo às crianças morrendo de total desnutrição

Medo, apreensão e temor.  
É o que traduz à silenciosa maioria  
Que não tem meios de lutar, moribundas,  
Entregam-se ao desamor e a ironia

Enquanto muitos padecem toda desgraça da vida  
Muitos se enobrecem insensíveis a este agonizar  
Esquecendo a própria razão de aqui estar  
Continuando sem perceber a luz divina cintilar.

Mas é preciso que nosso sangue se inflame  
E que nos incendiemos  
Para que o mundo perceba  
A chama da total destruição

Destruição esta, que não vai abalar só os pobres.  
Toda humanidade padecerá  
E somente uma força suprema poderá dizer  
Em que tudo se transformará.  
O solo seco do sertão, com a sua dor.

# CLARA LOBO



Clara Lobo é poeta, artista e psicóloga. Reside na cidade de Niterói – RJ, onde já promoveu eventos literários e saraus de poesia. É mestranda no programa Estudos da Subjetividade (UFF), no qual pesquisa a produção de subjetividades e sua relação com a loucura, feminino, arte e escrita. Desde 2017 coordena o projeto "Encontro de Artistas" no Hospital Psiquiátrico de Jurujuba, em que ministra atividades de escrita literária e poética com os internos do hospital. Faz parte do grupo de poetas Confraria dos Malditos e tem o poema "PÓ" publicado pelo Fanzine e Editora AMEOPOEMA.

**– UM RIO QUE APOSSOU EM MIM –**

Sou feita de um Rio  
Que perdi  
Esse Rio

Passeava sobre meus cabelos  
Compunha meu corpo  
Cresci sob a potência  
Do Rio  
Inundando  
Seu canto  
Turvo  
Esse Rio  
Ainda dói em mim  
Por muito  
O Rio  
Operou  
A escuta  
Das águas  
Que falam  
Aos nossos tambores  
De ardor  
De amor  
O Rio seguiu  
Afinando  
Cada corda  
Cada tom  
Do desejo  
Esse Rio  
Ainda corre em mim  
Feito redemoinho  
Que retorna  
A casa  
Essa  
Das pulsões.

— ! —

Um lugar  
Não é algo que se dá  
É algo que se crava  
Com os dentes  
Do desejo

## FRANCISCO AMÉRICO MARTINS MORAES



Nasci em Goianésia-GO. Aos 12 anos me transferi para Porto Velho-RO, em 1990. Hoje sou portovelhense e amazônida de coração. Me formei em História (Unipéc-2007) – minha grande paixão. Depois, passei a colecionar novas paixões: o desenho, a pintura e, é claro, a poesia. De cada uma pratico um pouco nas horas de “ócio criativo”. Profissionalmente atuo como professor de História nas redes públicas estadual e municipal em Porto Velho. Além disso, me especializei em História do Brasil (FIJ-2013) e concluí o curso de mestrado em Estudos Literários-Unir-RO-2019. E-mail: [framerico@yahoo.com.br](mailto:framerico@yahoo.com.br)

– INQUIETAÇÃO D’ALMA –

Ausência... inquietação d’alma,  
Pelos imortais valores,  
Tão indesejada! Jamais pelo poeta sonhada...  
Ainda assim em suas malhas engrenhado!

É nela que escreve e saboreia  
As rimas que as flores do campo  
Exalam em plenitude, fruto virgem  
Da liberdade, tão cara e perene!

É na ausência inquietante... nela,  
Que o desejo, incontido e rebelde,  
Se expande em versos, ecoando engrenhado  
Nas malhas etéreas do sonho eterno!

Ela queda o grito sufocante  
Do poeta, em êxtase... mitiga  
O peso de todo amargor, arrefece  
Toda a fúria, que derrama de seus versos!

– RIO –

Um sorriso... apenas só... rio,

Sorriso... rio

Um riso espontâneo, cândido,  
Suave... livre,  
Livre como Dédalo e Ícaro!

Um riso... só... rio  
Um sorriso espontâneo, cândido,

Suave... livre!  
Rio como águas que libertam,  
Que sanam feridas!

Rio...  
Só... rio,

Sorriso... rio quando devia chorar!  
É nele – no riso – onde desanuviou  
O turvo pensamento!

Um sorriso... só... rio  
Um riso espontâneo, cândido!

Rio a esmo, livre... só... apenas rio, nele resisto!  
Lugar de liberdade, no riso corre preso  
Meu corpo, batendo em rochedos!

Livre... só!  
Rio... apenas sorrio, rio



Um riso espontâneo, cândido... nele resisto!  
Apenas rio... só... sorrio ainda que premido pela dor

Sorrio... rio em águas profundas!

# FERNANDA CASCIONE



“Sou santista e torcedora do peixe. Colocar um chinelo e ir para praia, para mim não tem nada igual.

Escrever, animais e chocolate são as minhas paixões.

Sou formada em Publicidade e Propaganda e acho que essa minha facilidade em escrever vem do dom que eu tenho para criar.

Atualmente moro em São Paulo e trabalho na área da saúde.

Apesar disso nunca deixei de escrever, desde pequenininha crio estórias e fantasias na minha cabeça, que agora resolvi mostrar para o mundo”!

– TALVEZ –

Talvez me falte palavras,  
Talvez me sobre vontades,  
Talvez seja só fogo de palha,  
Que irá de queimar em brasa,  
Em uma noite qualquer enluarada.  
Quem sabe há de começar,

E possa ser incrível ou simplesmente esquecido.

Talvez um dia você saiba,  
Que em uma Ilha perfeita,  
Como um filme de verão,  
Vi você caminhando em minha direção,  
Seus olhos azuis brilhavam e ofuscavam os meus,

E foi lindo!

Talvez se torne eterno em minha memória,  
Ou se dissipe como uma paranoia.  
Aquele foi o cenário ideal,  
Feito um filme sem roteiro original,  
Daqueles que a gente chora uma tarde inteira,  
Já sabendo que o final é sempre igual.

Talvez a nossa história tenha começo, meio, detalhes e cuidados,

Ou talvez um breve adeus,  
Mas quem há de saber?

Porque nas remadas dessa vida tudo muda constantemente,  
Porém se essa remada vier de encontro a mim,  
Talvez eu te mostre um dia, esses versos sem sentido,

Que escrevi para você,  
Ou talvez você os leia em algum lugar,  
Sem saber o que gravou em mim,  
E que agora está gravado por aí!

– INSTANTE –

E num instante tudo mudou  
Mudamos os hábitos  
Diminuímos os passos.  
Enclausurados seguimos distantes  
Mantendo a serenidade  
E recordando aquela velha afinidade  
Com as tortas e belos bordados  
Que surgem de novos achados.  
Nessa nova vida que segue parada  
Angustiada sigo tentada  
Em buscar em meus pensamentos  
Nem que seja um pouco de alento.  
Como ficaremos nos próximos dias,  
Meses ou anos?  
Não sabemos, no entanto  
Apenas vamos levando  
Esse novo momento  
Por enquanto!

# FERNANDO LUÍS DE MORAIS



Apesar de ser um wanderlust king inveterado, tenho o coração radicado em São José do Rio Preto – SP, minha cidade natal. Sou doutorando em Teoria e Estudos Literários na UNESP, onde atuo na qualidade de pesquisador filiado ao Grupo de Pesquisa Gênero e Raça, e enquanto um dos professores da disciplina “Literatura, Gênero e Raça”. Ao longo dos anos, tenho me dedicado à escrita acadêmica e à escrita criativa. Parafraseando Frantz

Fanon, escrevo para existir absolutamente para o outro. Vejo, na (pele da) palavra, um poder redentor, catártico, de purgação do que é estranho à essência, do que corrompe. Minha escrita, ao extenuar o silêncio, é um grito aguerrido, produto de “uma linguagem de facas e picaretas, de ácidos e labaredas” (Octavio Paz, 1995). Desequilibrar o chão sobre o qual estamos confortavelmente assentados, eis o meu propósito maior ao escrever. Escrever, para mim, é meu ato libertador mais perigoso...

– O (DES)AMOR, ESSA DOR QUE DESATINA –

Não soubeste aproveitar o meu melhor,  
o que te ofereci sem restrições:  
palavras trocadas nas horas sombrias,  
sorrisos descomplicados,  
abraços demorados,  
gestos de espontânea afeição.

Me nutrias tão somente a conta-gotas (quando eu desejava a  
vulcânica opulência)  
em horas marcadas,  
deliberados momentos,  
precisos lugares.

Promessas diluídas aos tímidos matizes de aquarela,  
que deixa borrões e nódoas no fragilíssimo papel.

Mas o amor, enclausurado nesse cativado, não resiste:  
fissura e estilhaça tal qual vidro delgado se alastrando sobre o chão  
opaco e sem graça.

O amor: flor desidratada e pálida num deserto tórrido  
cujas areias sediciosas avassalam os olhos dos imperitos errantes.

Um amor-adaga, que apunhala pelas costas golpe após golpe.  
Equimoses e hematomas que maculam para além dos confins do  
corpo.

Gotas de sangue destiladas  
uma a uma  
impregnando a memória  
como o estrépito dos sinos que repicam e ecoam o mesmo  
monótono somido.

Poder-se-ia dizer: nem mesmo é amor.  
São partículas de sentimentos abjetos prestes a inflamarem, a  
entrarem em combustão:  
teu egocentrismo,  
tua prepotência,

tu a superioridade.  
Não soubeste aproveitar o meu melhor...  
Mas teu trem descarrilhará, teu templo ruirá  
e, então, oh Deus da empáfia,  
cairás num abismo boçal,  
maior que tua megalomania,  
teu implacável e radicado desamor.



**– NILISMO –**

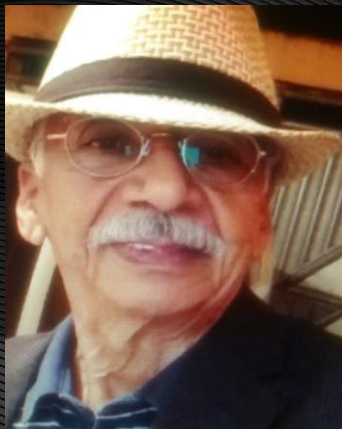
Escrevo para aplacar a dor que me consome:  
o mal da liliputiana existência.

Eu que não sou luz, nem sombra,  
nem fulgor, nem trevas.

Eu que me ardo em chamas e me dissipo.

Eu que não sou nem sequer cinza  
de onde Fênix esplendorosa renascerá.

# FERNANDO TEIXEIRA



Fernando Araujo Teixeira (Fernando Teixeira), natural de Seabra, reside em Feira de Santana. É escritor e poeta, professor, historiador e filósofo, Graduado nas universidades Estadual de Feira de Santana e Federal da Bahia. É especialista em Filosofia Clássica e Programa de Enriquecimento Instrumental. É imortal da Academia de Letras e Artes de Feira de Santana; membro efetivo da Academia de Cultura da Bahia,

membro efetivo da Academia Superiore di Crecita Personale - Itália e da Academia Internacional de Letras de Artes e de Ciências da Argentina. Publicou os livros Eterna (poemas) e Recheios de Papel (crônicas, ensaio e textos-poema). Casado com a professora Theresinha, pai de Leandro Lukas, funcionário da Caixa Econômica Federal, Riandro Di Évora, funcionário da OleoPan Biodiesel e da doutora Fernanda Cíntia, analista agrícola nacional do IBGE.

– ILÓGICA –

Caminhando a passos lépidos,  
vagueio sempre sem dar tréguas  
às minhas frágeis pernas trôpegas  
que percorrem os milhões de léguas.  
No escuro eu não vejo a lâmpada  
que ilumina o teu rosto pálido,  
mas, minha visão é como o relâmpago  
que sempre alcança o teu rosto cálido.

Meu pensamento em flagrante rápido,  
pensa em te mimosa e frágil,  
e numa ínfima fração matemática,  
tu desapareces vaidosa e ágil.  
Então continuo vagando trôpego  
com imensa sensação bucólica,,  
sentindo no beijo da tua boca ávida  
a ilusão imensa de um amor sem lógica.

Em outro repente tua imagem gélida  
vem surgindo em sofrimento fútil  
como se estivesse sentindo a cólica  
de uma dor imensa por amor inútil.  
E meu coração no mais puro ímpeto  
se desfaz de tudo que é inverossímil,  
deixa de viver arrastando o réptil  
que me olhava sempre com olhar de rímel

– LAUREN –

Um querer cigano  
de tantos anos,  
infinitos anos...

Navegou no tempo por entre as vidas  
e finalmente te encontrou querida.

Foi virtual´mas te senti.

A telepatia animou meu sonho  
e nos amamos por entre o nada.

Foi um amor imenso além do impossível  
com palavras escritas sem ver teus olhos  
porque sempre te amei.

E na imensidão desse eternal sem beijos  
o meu único desejo  
é de pelo menos tocar-te um dia.

# GÉSSICA MIMUS



Gêssica Mimus, 25 anos, casada, mãe do Christopher, e dona de um gatinho preto e branco pra lá de esperto e brincalhão, assim como uma das vencedoras do concurso literário nacional “Novas Contistas da Literatura Brasileira”, pela Editora Zouk, com o conto “As curvas do tempo”, publicado em 2018 e um dos ganhadores do Concurso Literário da Academia Fluminense de Letras 2018, na modalidade conto, com o texto intitulado: “A vida de um casal de professores”. Autora de *As laranjas de Alice Mazela*, publicado na Amazon e autora do conto “Sem perder o ritmo”, publicado em 2020 na antologia “O lado poético da vida”.

– EIS O VERÃO –

De minha janela o vejo assim: despejando raios cálidos  
envoltos de uma brisa ora refrescante, ora ardente.  
Ah, como és belo, me punges o coração com sua beleza laboriosa.  
Sim! Laboriosa. Onde o verde incessante dá sinal de vida.  
Frutos à orla de uma sutileza de um ramo, no seu auge vigoroso.  
Vidas se acasalando, ou preparando o ninho.  
O que mais fazes além de assustar  
um pouquinho com um lufar refrescante?!  
Que todos agradecem como refresco de alma,  
após seu caminhar sob o seu ponto mais escaldante.  
Um copo d'água refrigera a alma do ser,  
enquanto a sombra sua prima de distância,  
proporciona o repousar, que a claridade de seus raios  
tanto castiga o ser infortúnio  
que passou ali na hora errada,  
em que estavas a querelar contra os deuses tiranos.  
Talvez, Odin quem sabe? Numa tentativa de resgate soberano.  
Mas, és singelo. Frutificas a vida.  
Os pássaros deleitam nas fontes, já as crianças se deliciam  
com sua liberdade infinita, sob os seus raios da manhã ou do finzinho da  
tarde. Já os mais corajosos  
o encaram no meio do dia, sob o trabalho ou sob o limite do tempo  
escasso. Seu nome todos  
falam: Eis O Verão. Onde em países tropicais é praticamente disponível  
em quase todas as estações.  
Já em países com temperaturas menos amenas,  
é o Deus da diversão. Pois com o seu tempo tão  
definido: se torna tão raro e tão preciso.  
És o sinal de que a vida reinicia, de que um novo ciclo  
reencenou. Que todas as aflições agora devem se despir,  
pois uma nova curva de recomeço e  
oportunidades jazem diante de ti. Obrigado!  
Eis o Verão. Escancara-se a janela.

– O SUBLIME –

Acordo, sob os raios do meio dia que invadem  
meu dormitório pelas frestas da estreita  
janela. Coço os meus olhos. Ao colocar meus pés em minha  
pantufa de veludo já escuto  
um som estridente: Cinco sorvetes de leite mais cinco de frutas,  
por apenas dez reais, é isso mesmo,  
por apenas dez reais! Corro até a sala, troco de sapatos, coloco  
minhas havaianas...

Com os olhos entrefechados e pouco esbugalhados, sob o cálido  
dia compro meu sorvete.

Chego à minha sala sento no sofá e durante meu consumo  
incessante, escuto o vizinho gritar:  
Enche a piscina mulher, pois está bem quente hoje! Minutos  
depois, escuto jarros de água em  
atrito constante com o cimento da garagem amalgamado com  
gritos de crianças.

Ligo a TV e comerciais do tipo invadem a minha sala e recapturam  
a atenção de meu gato, que  
de meia em meia se refresca nas gotas fugidias da torneira do  
tanque: Piscina de até 50 litros por  
apenas trinta e cinco reais... Piscina de até 300 litros por apenas  
cem reais... É isso mesmo por  
apenas...

Meu telefone toca: Vamos ao zoológico hoje? A voz ríspida me  
indaga.

No zoológico, vários animais encontram-se se refrescando.  
Exibem suas habilidades de mergulho

a todos os espectadores. O hipopótamo surge de um relance  
súbito, os patos rodeiam e rodeiam  
com seus filhotes. O macaco balança a ponta do rabo na pequena  
poça acumulada, os peixes saltam  
em resposta as mãos quentes das crianças mais ousadas. Muitas  
pessoas se estendem sob as  
sombras das árvores, com um murmúrio de descanso. Uma brisa  
fresca com cheiros diversos,  
desde crianças, adultos, animais, comidas, bebidas, poças d'água e  
torneiras escancaradas.  
Anunciam a estação tão desejada do ano: O Verão. Sim! O verão  
no seu ápice escaldante e sublime  
a anunciar seus raios vívidos e laboriosos, ora festivo, ora de  
folga. Eis O Verão. Eis O Sublime.



# GLAUBER SANTIAGO



Glauber Clares Santiago.  
Orador da Faculdade de Direito da  
Universidade Presbiteriana  
Mackenzie, 07/2012. Advogado,  
amante do xadrez e da poesia.

**– ENTRE VIELAS DA VIDA –**

Na travessia da vida  
quanta proposta sugerida  
quantas vias preteridas  
qual toada a ser seguida?

Se podemos acertar decorrente de um erro  
também podemos errar decorrente de um acerto  
dentre tentativas, riscos, o aperto  
Onde está o divino concerto?

O que garante que nossos atos de vivência  
procedem de divina querência?  
Se a própria persistência  
aponta para sucumbência.?

Para dirimir conflitos da existência,  
Invoco-te, do alto de minha demência,  
à luz da transcendência:  
– Oh Pai, apazigua minha consciência!

**– O ESPELHO DA VIDA –**

Seja esporte, arte ou ciência,  
Há milênios o protótipo da vida está na consciência  
defenda seu rei para garantir sua sobrevivência  
Pois, o próximo lance pode te levar a decadência.

Entre linhas e colunas, grandes emoções  
em todos seus devaneios, elucubrações  
Ganhar ou perder não passam de objeções  
Já que altissonantemente! Tocou, nossos corações.

Ao final da arte, cada peça é guardada  
A mais importante ensacada  
O peão, na mesma toada  
O final é indistinto, simples fim da velha jornada.

O escuro, o silêncio e caixa de madeira  
Nada mais são que resumo da partida inteira  
Para uns, é fim de tudo, para outros, a esperança certa  
De uma continuidade seresteira.

# IRLANA JANE



Sou feirense. Logo cedo aprendi a ler. Ao entrar na ALAFS, mas como dançarina de Danças de Salão, encontrei o lugar ideal para começar a ter coragem de divulgar as poesias. Participo da CONCLAB, do grupo Português, algumas coletâneas e livros de teor relacionados à minha profissão e condição de Doutora em educação e Doutora Honoris Causa em Educação.

– ADORMECI –

Adormeci meus sentimentos  
para não despertar  
o vulcão da paixão.  
No sono acorrentei  
as sombras da minha alma.  
Na vigília experimento um doce olhar  
que custa a acalmar.  
A alcova aquece  
a inesgotável mistura de carinho,  
que soprou o sonho,  
no orvalho morno do dia.  
A ânsia lenta e torpe  
vigia meus pensamentos.  
Esqueci-me do tempo.

– ANOS DOURADOS –

Ressoam dentro de mim  
Qual música que teima  
Um permanecer na lembrança,  
Quantas histórias  
posso contar,  
Quando remexo no baú  
E vejo cada fotografia  
Que me revela.  
E nela pousa a saudade  
Que me toma de súbito  
E me lembra  
Os voos não dados  
Os ainda a dar  
e aqueles,  
ah!  
Aqueles que dei  
E me fazem sentir  
O esplendor da vida que levei...

# LÉLIA VITOR



Lélia Vitor Fernandes de Oliveira, licenciada em Letras e Pedagogia pela UEFS. Professora aposentada. Membro da Academia de Letras e Artes de Feira de Santana e atualmente é Presidente; membro da Academia de Educação e do Instituto Histórico de Feira de Santana. Poetisa, escritora com 30 livros publicados.

**– A GUERRA DO “EU” –**

“EU” estou em guerra  
A minha alma luta contra o mal;  
O meu espírito luta contra a carne;  
O meu coração luta contra o ódio;  
O meu cérebro luta contra a ignorância;  
Os meus princípios lutam contra os vícios;  
Os meus ideais lutam contra os costumes.

“EU” estou em guerra.  
Os dardos inflamados do inimigo  
Atacam todo o meu ser.  
São mais poderosos que os mísseis;  
São mais velozes que os caças F-15;  
São mais danosos que a Covid -19;  
São mais astutos que as estratégias bélicas.

“EU” estou em guerra.  
O meu egoísmo me consome;  
A minha personalidade forte me reprime;  
A minha ambição me domina  
A minha dúvida me atormenta;  
A minha insatisfação me estressa;  
O meu orgulho me destrói.



**– PAZ - FRUTO DO AMOR –**

“Eu” estou em paz  
Comigo mesma,  
Com a minha consciência  
Do dever cumprido,  
Da busca pelo ideal  
E da realização dos meus sonhos.

“Eu” estou em paz  
Com o meu outro,  
Semelhante a mim,  
Com os mesmos defeitos  
de fabricação  
E imperfeições

“Eu” estou em paz  
Com o meu Deus,  
Porque o Seu Amor  
Tranquiliza a minha alma  
E transborda  
Todo meu ser

# MAYCON BARBOSA



Eu sou o Maycon tenho 19 anos e moro em Guarulhos. Passei boa parte da minha vida pendulando entre onde moro e São Paulo, amo a cidade. Sou apaixonado pelas pessoas no geral, acredito que cada uma delas é um universo único de experiências de uma vida que eu não vivi. Também sou apaixonado por música, arte e adoro cachorros. Eu sou muito novo e ainda não sei ao certo quem eu sou. Gosto de pensar que sou uma folha em branco. Quando a

gente olha para ela, ela não nos diz muita coisa, mas antes de estar ali ela passou por um grande processo de construção daquilo que ela é. E várias pessoas passaram por essa construção. E ela está ali com toda a sua simplicidade, livre de qualquer rótulo ou impressão. Pronta para se moldar e ser tudo aquilo que a criatividade permitir.

**– CORDAS E VIDA –**

Sim, eu sei que você anda tocando a vida como você toca violão, e  
você não sabe tocar violão (risos).

Só quero que você saiba de uma coisa,  
quando tocar violão não deixe as cordas tão soltas,  
porque senão, não sairá nenhum som.

Também não as aperte demais, senão elas irão arrebentar.

Essa é a noção básica de como começar a tocar...  
ambas as coisas.

# RITA MATTOS



Rita Mattos. Nascida em Feira de Santana, Bahia. Estudou Pedagogia no Colégio Santanópolis. em Feira de Santana Ba, Graduada em Pedagogia na UFBA.

Especializada em Orientação Educacional. Pós-graduada em Psicanálise Clínica pela SPOB em Salvador/Ba. Pós graduada em Psicanálise Didata pela SPOB em Salvador/Ba.

– MUDANÇAS –

Somos todos mutáveis.  
A cada ano, a cada mês, a cada dia,  
Quiçá! A cada hora, minuto, ou segundo mudamos...  
Mudamos no físico, na mente e  
Na direção a dar na nossa vida.  
A pandemia que todas as nações vivem,  
É um acontecimento brusco a todos surpreendeu,  
Uma onda de pânico e de incerteza nos acometeu.  
E tudo mudou, o mundo mudou...  
Após o isolamento social que estamos vivendo,  
Certamente a minha vida mude de rumo.  
No vou impor resistência,  
Não será a primeira vez, estou preparada.  
Sei que mudanças são necessárias,  
Delas, não podemos fugir, fazem parte da vida.  
Às vezes, podem nos causar tristeza,  
Ou grandes alegrias...  
Devemos encará-las com nobreza,  
Pois fazem parte da Natureza.

– EMOÇÕES –

Nos campos da fantasia  
Semeei só alegrias!  
– Colhi sonhos...  
– Colhi dores...  
– Colhi muitos amores...  
As tristezas fecundaram...  
Cerrei os olhos para não colhe-las,  
Mas, elas teimam em florescer,  
Tentando ofuscar a alegria,  
Fazendo-me sentir saudade.  
Saudade de que?  
Saudade de aventuras que não vivi,  
Saudade de não ter me permitido iludir,  
Saudade de ter fugido de momentos ternos,  
Por medo de viver só as alegrias do hoje,  
Sem pensar no amanhã...  
Nas consequências dos atos,  
Numa entrega total, sem restrições  
.Vivendo apenas as emoções...  
Hoje vivo serena....  
Consciente do que sou e quero.  
Elicio sonhos que ainda quero viver.  
Sei que na minha idade,  
Tudo ainda pode acontecer...  
E um grande amor...  
Sei que posso e vou ter

# ROSIANE IGLESIAS



Meu nome é Rosiane Maria Covaleski Iglesias, sou natural de Curitiba, Paraná, e resido há mais de 10 anos em no Rio Grande do Sul. Sou professora e leciono Literatura, Língua Portuguesa e Língua Inglesa. Sou formada em Letras – Português/Inglês pela Universidade Tuiuti do Paraná e tenho especialização em Literatura, pela Faculdade Dom Alberto. Escrevo de forma amadora há alguns anos, o que me traz um enorme prazer, pois são momentos onde posso expressar reflexões e indagações em face do mundo e da vida. A inspiração, que por vezes brota, me conecta de forma mais profunda com questões que me são essenciais, questões que me angustiam, que me causam nostalgia, que me encantam que me fazem valorizar cada minuto, e ver a vida e seus caminhos com os “olhos da alma”.

– EPIFANIA –

Caminha...

Mesmo que te doam os pés,  
Mesmo que as pedras resvalem,  
Ainda que te falhe a fé.

Caminha...

Até que tuas pernas suportem,  
Até onde a vida quiser,  
Ainda que a estrada amedronte,  
Mesmo que contra a maré...

Caminha, pois, mais tarde,  
Quando a noite chegar,  
Verás que o segredo de tudo,  
Foi sempre o teu caminhar...



**- EXÍLIO -**

Desalenta-me perceber a distância  
Que te aparta dos olhos meus;  
Longa estrada, testemunha silente,  
De meu pranto quando daquele adeus...

Se tão longe, mantém-se em segredo,  
Em meu peito, explode em pesar:  
Disfarçá-lo é meu grande tormento,  
Combatê-lo é o que intento alcançar.

# SHEILA MARTINS



Nascida e criada na Baixada Fluminense, atualmente ouça se desbravar pela Zona Oeste do Rio de Janeiro. Além de atuar como livreira na Livraria Nombeko, trabalha como intérprete de LIBRAS. Pesquisadora de Literatura negro-brasileira bem como sua difusão na comunidade Surda e co-autora de “Vértice: escritas negras” (Ed. Malê, 2019). Participou das antologias: Mulheres (Ed. Inovar, 2020), Antologia Ruínas (Ed. Patuá, 2020), Resistência Negra (Ed. IGM, 2020), Vozes da resistência (Ed. Conexão sete, 2020), Antologia Meus contos secretos (Ed. Mwg, 2020) e desenvolvendo o Projeto do livro “Narrativas Negras”, entre outros projetos.

**– ESCRITA DE CURA –**

Em tempos de  
isolamento social  
    navego  
para dentro de mim  
buscando encontrar  
heranças que meus ancestrais  
    deixaram  
    e escrevo

Escrevo  
Memórias de afetos  
E desafetos

Escrevo  
como movimento de cura  
    d'alma

Escrevo  
vozes-letras tecidas  
em forma de poemas

Escrevo  
memórias talhadas no papel  
como uma tecelã das palavras

Eu  
escrevo assim  
    desaguo em  
ancestralidade  
    viva.

– AROMAS DE SOLITUDE –

Isolo-me  
Onde  
Não há encontros  
Não há convivências  
Isole-me  
No silêncio das nossas memórias  
Onde  
Há pulsar  
Há desaguar  
Há angústia  
Isolo-me  
Para  
Escutar  
E encontrar  
Pois sei que  
Sou muitas  
Sou única  
São tantas  
Sou povo  
São tantas histórias  
Assim  
Isolo-me  
Assim  
Vivo  
Assim  
Pulso  
Assim sou ancestral

# SUELY ANDRADE



Suely Andrade é Professora de Língua Portuguesa e de Literatura, formada pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Atua também como revisora e analista de textos diversos. Escreve sob vários gêneros: poesia, prosa poética e contos dentre outros. Possui alguns poemas publicados em coletâneas virtuais de diferentes organizadores e alguns poemas agraciados com menção honrosa. Mantém uma página no site Recanto das Letras e outra no Facebook, onde publica regularmente os mais variados gêneros textuais, incluindo orientações sobre o estudo da Língua Portuguesa.

Desenvolve ainda um trabalho criterioso de análise de textos poéticos, de autores brasileiros e portugueses.

**– PARADOXO –**

Vago no meu horizonte caótico.  
Caminho sem rumo  
E me perco do lógico.  
Não meço o estrago.  
Os riscos todos assumo.  
Trituro os acontecimentos  
E engulo.  
Enquanto caminho nos calçamentos,  
Meu ângulo obtuso  
Afago.  
Depois quero apagar tudo;  
Me deito e calo.  
O silêncio é meu escudo,  
Mas eu sempre falo.

– ESTEIO –

Dobrando a esquina, um estirão de pessoas;  
A rua imunda, o chão cuspidor.  
O homem vendendo verduras,  
Do outro lado, é ouvido.  
Uma e outra pessoa mascarada.  
No meio da aglomeração,  
Uma mulher apavorada  
Move os lábios em oração,  
Olhando a rua suja.  
A vida... a vida...  
Virou toda essa garatuja  
Indefinida.

Tenho ímpeto de caminhar por uma avenida,  
De pegar um ônibus sem destino...  
Queria ir ver o mar;  
Fugir desse desatino...  
Mas é que se aprisionar  
Agora virou sinônimo de se cuidar.  
E vamos tentando  
Executar a tarefa dura  
Que é vencer o perigo  
Sem vê-lo.

Ele pode estar sobre a mesa,  
Na superfície aparentemente asseada,  
Na chave que se pendura  
Ou no corrimão da escada.  
Um estranho inimigo...  
Aperto de mãos...  
Quem disse?  
Não é mais seguro  
Nem com cotovelo.

E vamos caminhando no escuro,  
Mesmo em plena claridade do dia.  
A vida corriqueira virou nostalgia.  
Parece que estamos todos de castigo,  
Sob a punição de limpar, limpar...  
As compras têm um preço maior a se pagar.  
Álcool, desinfetante, água sanitária  
Estão todos no palco,  
Enquanto nossa sanidade  
Se torna sumária.  
E vivemos este sobressalto  
Que nos veio,  
Em que esperar pela liberdade  
É nosso esteio.



# TELMA GOMES



Mineira de São Deraldo. Cursa Pedagogia na instituição de ensino Universidade de Franca. Fez parte da Antologia Eclipse poético/poesias – 1ª edição, Ourinhos-SP/2020 – Editora Edições e Publicações. Organizadores: Ana Angélica Ferrazi e Lenilson Silva.

**– JARDIM DOS SONHOS –**

Em breve pouso  
Na relva muito verdade  
A borboleta colorida.

Quaresmeiras  
Ao redor do muro  
Galhos da borboleta.

Borboleta rosa  
Bailarina  
Do jardim dos sonhos.

Formosa mutação:  
A crisálida  
Se transforma em borboleta.

À flor da pele  
Entre as flores das nuvens  
Me deixo.

Colhendo ao sol de primavera  
As flores do sonho  
Um buquê de cor!

**– BORBOLETA –**

Não.  
Eu não sou Eva  
Eu sou borboleta.  
Porque não sou feita da costela de Adão.  
Eu sou feita da costela  
da crisálida

# VERENA SOUZA



Inversos e na 15ª e 16ª edições da Revista LiteraLivre.

Meu nome é Verena Santos de Souza, nasci em 18 de fevereiro de 1992, na cidade de Salvador-BA, onde resido até os dias atuais. Atendo pelo pseudônimo de Verena Vida; sou graduada em Logística e pós-graduanda em LIBRAS. Comecei a escrever poesias com o intuito de expressar meus sentimentos e anseios pessoais. Tenho poemas publicados no 2º Concurso Internacional Doces Poemas, realizado pela Revista

– **CORONAVÍRUS** –

Uma praga que mudou  
Nossa maneira de viver  
Desconstruiu nossa rotina  
Fez o mundo estremecer  
O Coronavírus desestabilizou geral  
O mundo tornou um caos  
Fez o que era prioridade perder o sentido  
E deixar de ser  
De repente, muitos se lembraram de Deus  
Não por amor, mas por medo de morrer  
Fizeram correntes de oração  
Pois sabem que só o dono do mundo  
Pode salvar a nação  
O dinheiro, o trabalho e o status  
Ficaram pela estrada  
A família, os amigos e o amor pela vida  
Guardaram em casa  
O que ficou pela estrada  
Não sei se volta  
O que guardamos em casa  
Ninguém nos toma

**– DESILUSÃO AMOROSA –**

O amor verdadeiro ficou  
Em meio à tristeza e à dor  
Vive em mim o amor  
As lágrimas derramadas  
Expressam todo sofrimento  
Que não queria estar vivendo  
Te entreguei um tesouro  
Te entreguei meu amor  
Infelizmente, não valorizou  
Sofrimento me causou  
Sei que um dia  
Essa dor vai passar  
Meu coração vai pousar  
Em um coração que saiba  
O verdadeiro sentido de amar

# LUÍS LAÉRCIO GERÔNIMO PEREIRA



Luís Laércio Gerônimo Pereira é natural de Pão de Açúcar-AL, nascido em 05 de Janeiro de 1976. É escritor, historiador e acadêmico em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe; é servidor público Federal, lotado no campus da UFS, Lagarto-SE. Atualmente tem se dedicado a escrita literária, principalmente contos, crônicas e poesias, participando de várias antologias por todo o Brasil e até com inserção internacional, como em Amadora e Lisboa em Portugal.

Em 2017 tomou posse na Academia de Letras de Pão de Açúcar-AL, ocupando a cadeira de número 23, tendo como Patrono, Francisco Henrique Moreno Brandão. Em 2018 escreveu um livro em homenagem a sua terra natal, no entanto não publicou. Em 2019, foi contemplado com um título de “Destaque da cultura sergipana”, ofertado pelo produtor cultural Jorge Lins. Em março de 2020, implantou o café poético e filosófico de Pão de Açúcar-AL.

– UM SOLO DE PISTÃO –

Acordo e já estou cansado, mas ainda é manhã;  
No corpo sinto um enfado, agarro-me ao meu divã,  
Quando ouço na casa ao lado, uma espécie de dobrado  
Ou um Solo de Pistão.

Agenda da minha rotina, a labuta no estandarte,  
No quarto afasto a cortina, ainda em meu baluarte,  
Ao som de uma sinfonia fina, que me acalma e me anima,  
É o som da primeira arte!

Agora estou no trabalho, em meio a todo frisson,  
Com papéis eu me embaralho, mas preciso manter o “boom”,  
Por um momento distraio-me, suspiro, relaxo e me acalmo,  
Lembro o Solo de Pistão.

A tarde já está na cara, e a noite ameaça chegar,  
O trabalho me exaustara, e o corpo começa a penar,  
À noite em minha seara, ouço o “Tema de Lara”,  
A alma chega a flutuar.

E o Solo insiste em tocar, anestesiando quem o ouve,  
Desperta-me o desejo de amar, e uma saudade me aprouve,  
Com o peito a palpitar, danço uma ópera à Mozart  
E uma sinfonia à Beethoven.

Com a música torpedeado, repousei, num sono bom,  
Porém acordei assustado, busquei as marcas do batom,

Sonhei estar enamorado, num longo beijo embalado,  
Ao som de um Solo de Pistão.



– CORA CORALINA –

De uma infância difícil, das letras, apenas as primárias,  
Em uma Goiás bem antiga, de becos e ruas solitárias;  
Um rio vermelho vivo, despertou seu patriotismo,  
Sinônimo das coronárias.

Das cartas na adolescência, e uma paixão repentina,  
Da leitura tomou licença, esse coração de menina,  
Mas foi em sua senescência, que o Brasil tomou ciência,  
Da literata Cora coralina.

Com uma escrita fácil e simplória, atenta ao cotidiano;  
O paisagismo ela explora, costumes e tradições goiano,  
Esse regionalismo aflora, “Drummond” batiza Cora:  
De Diamante goiano.

O prêmio Juca Pato, reconhecimento intelectual;  
Doutor honoris causa, pela Universidade Federal,  
Da Academia goiana, a literatura proclama  
A decana é imortal;

Cora fazia doces, Coralina hoje é história,  
As letras foram o cimento e o alicerce da sua aurora,  
Da literatura é um instrumento, em Goiás contentamento,  
Guardião da sua memória.

# TEREZINHA DE JESUS DA SILVA



Terezinha de Jesus da Silva - Terê Silva - é Membro Efetivo da Academia de Letras de São João del-Rei - MG, cidade onde nasceu e sempre viveu. Amante da palavra escrita, ainda criança começou a escrever bilhetes e cartas para sua mãe. Seu primeiro prêmio foi vencer um concurso de redação sobre Duque de Caxias, enquanto cursava o antigo Primário. As palavras sempre serviram como recurso para manifestação de seus sonhos e sentimentos e as considera como asas que permitem voos cada vez mais altos, cada vez mais emocionantes. Cresceu escrevendo e guardando seus poemas. Incentivada pelos familiares e amigos, em 2004, publicou o seu primeiro livro de poemas Momentos. Em 2005, publicou Transcendência e Véspera. O seu quarto livro de poemas foi publicado em 2019, com o título Voo – Para onde o coração me levar.

**– QUEBRANDO A ROTINA –**

Pela inspiração, minha rotina se quebra  
Rompe-se o silêncio em meu interior  
As palavras inquietas gritam em meu ser  
Em busca de um novo verso a se compor

Uma a uma, as palavras se enlaçam  
Manchando suavemente a página branca  
De mão dadas, os versos se agrupam  
Em estrofes de um poema a nascer

Mais que inspiração é a sublime magia  
De tecer palavras com emoção  
Transformar sentimentos em poemas  
Sempre ditados pelo meu coração

Meus anseios, aos poucos, se materializam  
Meus desejos respingados no papel  
Meus sonhos criam asas e alçam voos  
Meus poemas, inconscientes, me eternizam

Minha vida transcendendo o real  
Novo poema irradiando emoção  
Ser poeta acalenta minha alma  
Enobrece o meu prazer de escrever.

**– SEM DESPEDIDAS –**

O sol se vai lentamente  
Como meus amores se foram  
Sem explicação  
Sem despedida  
Sem compaixão  
Parte ao encontro da lua  
Em sua exuberância  
Em suas fases tão marcantes  
Soberana na vasta escuridão

O sol se vai sem minha permissão  
E esfria o meu corpo  
E congela a minha alma  
Desconhece as minhas dores  
E as minhas aflições  
Quando a noite impera  
Tudo em mim se esvai  
Fica apenas a monotonia  
De mais uma noite vazia  
Na solidão do meu quarto  
Na escuridão de minha existência  
Sem sol, sem calor, sem amor.

# CÍCERO PEDRO



Cícero Pedro de Assis nasceu em Caruaru, Pernambuco, em 18 de Julho de 1954, mas está registrado como de Gravatá, no mesmo estado. Filho de Pedro Francisco de Assis (Pedro Romão) e de Maria Amara do Espírito Santo.

Neto de Francisco Clemente de Assis (Xixi Romão) e de Maria José da Conceição (avós paternos) de Manoel Teixeira de Lima (Manoel Bazio) e de Maria Tereza de Jesus (avós maternos). É membro da

Academia Brasileira de Literatura de Cordel, onde ocupa a cadeira de número 30, patroneada pelo poeta e repentista paraibano José Galdino da Silva Duda.

– GRANDES SERTANISTAS –

O sertanista era aquele  
Que penetrava o sertão  
Do nosso vasto Brasil  
Com muita disposição  
Indo, portanto, explorar  
Uma inculta região

Tinha indígena bravio  
Que era dali habitante  
Quem não tivesse estratégia  
E não fosse observante  
Explorando aquela selva  
Não seria triunfante

Explorar aquela terra  
Era enfrentar o perigo  
Quem se destinasse a isso  
Precisava ter consigo  
Coragem suficiente  
Pra lutar com o inimigo

Três formosos sertanistas  
De uma firmeza inconteste  
Cumpriram a sua missão  
Naquele rincão agreste  
Trabalho mais perigoso  
Que escalar o Evereste

O sertão naquele tempo  
Não era o que é agora  
Era um denso matagal  
Por muitas léguas afora  
Quem sabe geografia  
Isso jamais ignora

Leonardo, Orlando e Sérgio  
Os renomados senhores  
Foram os tais sertanistas  
Do sertão desbravadores  
Grande irmão Vilas Boas  
Que eu apresento aos leitores

– CÍCERO PEDRO DE ASSIS –

Meu pai era lavrador  
que estimava o seu rocado  
Na limpa das plantações  
Era bastante animador  
Esperava da colheita  
Sempre o melhor resultado

“A sirigada” era o nome  
Pelo qual era chamada  
Aquela terra bendita  
Hoje bastante mudada  
A lavoura de meu pai  
Ali era abençoada

Sentia grande prazer  
No trabalho que fazia  
Pois o qual desempenhava  
Sempre com muita alegria  
E em tudo que plantava  
Um grande lucro antevia

Fica o chão Sirigadense  
Que gosto de recordar  
Em Bezerros, Pernambuco  
E quando pego pensar  
Na imaginação vejo  
Meu pai nele a trabalhar



Lá no sítio Sirigada  
Onde meu pai trabalhou,  
No roçado que ali pôs  
Bastante sempre lucrou.  
Lembrança daquele tempo  
Na minha mente ficou

Saudade muita saudade  
A sirigada me trás  
Sentimento que meu peito  
Expulsar não é capaz  
E com o passar do tempo  
Nem um pouco se desfaz.

# PAULO MAXIMILIANO ESPÍNDOLA DE FARIAS



Membro da Academia Capanemense de Letras e Artes e da Litteraria Academiae Lima Barreto, integrante da Polícia Militar do Pará, membro ativo da Ordem Maçônica – Lealdade N° 20/GLEPA, graduado em Tecnólogo em Gestão Pública pelo Centro Universitário UNINTER. No âmbito literário, conta com produções selecionadas e publicadas em antologias da Câmara Brasileira de Jovens Escritores, assim como em antologias do projeto literário Poetas Del Mundo da Isla Negra no Chile, selecionado em Segundo lugar no “IV Concurso Internacional de Poesias”, prêmio Cecília Meirelles, coordenado pela Revista Inversos.

– **ABSTINÊNCIA** –

Aquarela de ilusões  
A ventania sussurra  
Cristalinas e depuradas  
Nostalgia entorpecidas no tempo.  
Nas laudas amareladas  
Esbarro com os versos  
Vividros e declamados outrora.  
A foto desgastada,  
Sobrepuja na palidez da face  
Fragmentos de uma alegria  
Velada no purgar dos sonhos.  
Reluto diante da abstinência  
Suscitada pela tua ausência  
Que estigma a alma.  
Épica alucinações  
Eternizadas e abrandadas  
Pelo fascínio sumptuoso  
Do entrelaçado da predestinação.  
Desígnios vilipendiados  
Perante a mudez covarde  
Da volúpia do teu corpo... em erupção.

– ECLIPSE –

Versos errantes  
Cálidos e lascivos  
Em pleno crepúsculo  
Ensurdecedor.  
Vozes sedentas  
Fáscas no peito  
Insanidade exaladas  
Afável declínio.  
O ápice da vida  
O corpo vulcânico  
Fascinante falência  
O oásis perfeito.  
Olhar pleno  
Euforia e encantos  
Sussurros em êxtase  
Entorpecidos e Inertes.  
Novelo de desejos  
Corpo e alma arrebatados  
Imaculado ao enigma  
Delirante de um eclipse total.

# MAROEL DA SILVA BISPO



Maroel Bispo, poeta, escritor, membro efetivo da Academia de Letras e Artes de Feira de Santana-BA; membro correspondente da Academia de Letras do Brasil, seção Mato Grosso do Sul; licenciado em Letras; graduando em Psicologia pela Universidade Estadual de Feira de Santana-BA.

**– MÃOS DA ALEGRIA –**

Acreditando sempre no porvir,  
E na luz do amanhã.

Sim. Seguiremos em frente,  
Escrevendo uma nova história.

As mãos unidas, que sempre e  
Sempre, acolhem.

Que na paisagem taciturna da janela,  
Se alegram e acenam.

E jamais se calam, jamais se  
Convertem em pranto ou lamento.

Sim, são as mãos da alegria, do perdão  
E do amém.

São elas que animam a vida,  
A minha e a sua também.

**– ABRAÇO TÃO DADO –**

Ressurgiram saudades,  
Dos tempos antigos.  
As lembranças se foram,  
Restaram os amigos.  
Teceram afetos,  
E um abraço tão dado.  
Singulares olhares,  
De um distante passado.  
A verdadeira amizade,  
Não conhece os enganos.  
São sempre unidos,  
Jeito deles, os humanos.